



O QUE É POSSÍVEL APRENDER ASSISTINDO SÉRIES: ANNE WITH AN E E A POTÊNCIA DAS PEDAGOGIAS CULTURAIS

QUÉ ES POSIBLE APRENDER VIENDO SÉRIES: ANNE WITH AN E Y LAS POTENCIAS DE LAS PEDAGOGÍAS CULTURALES

THINGS YOU CAN LEARN BY WATCHING SERIES: ANNE WITH AN E AND THE POWER OF CULTURAL PEDAGOGIES

José Rodolfo SILVA¹
Luli do Carmo MELO²
Anderson FERRARI³

RESUMO

As pedagogias culturais oportunizam um olhar diferenciado para educação prezando pelas múltiplas formas de ser, estar, ensinar e aprender dos sujeitos. Valendo-nos dessa possibilidade e apoiados na perspectiva pós-estruturalista, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre a série Anne with E. Uma produção que, baseada no livro de Anne de Green Gables, que traz elementos discursivos e cenográficos, para se pensar as relações de gênero e explorar as potencialidades das pedagogias culturais. Desse modo, quando questionamos o que é possível aprender assistindo séries? Nos concentrando na

¹ Doutorando em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, jrodolfo@hot.com

² Doutoranda em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil, iulimelo22@gmail.com

³ Doutorado em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, anderson.ferrari@ufjf.br

representação de feminilidade expressa na personagem Anne, analisamos de que forma como os modos de endereçamento⁴, da produção podem afetar masculinidades e feminilidades educando para possibilidades de desconstrução de aspectos agressivos referente a masculinidades e submissão de feminilidades atribuídos como naturais de caráter essencialista produzindo circunstâncias de violência e discriminação. Portanto, nos concentramos na representação de feminilidade expressa por Anne.

Palavras-chave: Pedagogias culturais; Feminilidades; Gênero.

RESUMEN

Las pedagogías culturales brindan una oportunidad para una mirada diferente a la educación, valorando las múltiples formas de ser, estar, enseñar y aprender de los sujetos. Aprovechando esta posibilidad y apoyados en la perspectiva postestructuralista, este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la serie *Anne with E* una producción que se basea en el libro *Anne* de Green Gables, trae elementos discursivos y escenográficos. para pensar las las relaciones de género y explorar el potencial de las pedagogías culturales. Así, cuando nos cuestionamos ¿qué es posible aprender viendo series? Pensamos cómo los modos de direccionamiento⁵ de producción pueden afectar masculinidades y feminidades, educando para posibilidades de desconstrucción de aspectos agresivos relacionados con las masculinidades y sometimiento de feminidades atribuidas como naturales de carácter esencialista, produciendo circunstancias de violencia y discriminación.

Palabras clave: Pedagogías culturales; Feminidades; Género.

⁴ ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

⁵ *Ibidem*.

ABSTRACT

Cultural pedagogies provide an opportunity for a different look at education, valuing the multiple ways of being, being, teaching and learning of the subjects. Taking advantage of this possibility and supported by the post-structuralist perspective, the present article aims to reflect on the Anne with E series. gender relations and explore the potential of cultural pedagogies. Thus, when we question what is possible to learn by watching series? We think about how the modes of addressing⁶ of production can affect masculinities and femininities, educating for possibilities of deconstruction of aggressive aspects related to masculinities and submission of femininities attributed as natural of an essentialist character, producing circumstances of violence and discrimination. The analyzes are produced in the post-structuralist perspective in the path of cultural studies.

Keywords: Cultural pedagogies; Femininities; Gender.

1. Play e Referencial Teórico

O que nos une neste artigo são nossas pesquisas, no reconhecimento da importância dos artefatos culturais no processo de constituição dos sujeitos, sobretudo numa sociedade como a nossa, caracterizada como imagética pela cultura visual, influenciada especialmente pelo cinema e a televisão, onde hoje podemos contar com as séries nos serviços streaming .Dessa forma, estamos interessada/os em problematizar as relações entre o conceito de artefato cultural na , pedagogia cultural, que constitui os sujeitos detentores de um corpo, gênero, sexualidade, classe e raça. Podemos dizer que estamos atravessados por diferentes e diversos artefatos culturais, que no seu conjunto cinema, televisão, músicas, literatura e etc... - vincula as formas como as pessoas se veem, como são convocadas a se verem e verem os

⁶ *Ibidem.*

outros, como são valorizadas ou desvalorizadas, rechaçadas ou fortalecidas, negadas e mesmo silenciadas.

O que queremos afirmar com isso é que não basta reconhecer esses dois artefatos como importantes, uma vez que as imagens fazem muito mais do que seduzir para o consumo e diversão, elas se constituem como pedagogias culturais, produzindo valores, saberes, prazeres e sujeitos. Dessa forma, o conceito de pedagogia cultural nos interessa para ampliar e defender nosso entendimento de educação como um processo que ocorre para além das escolas, envolvendo uma gama de locais de troca de conhecimento, de relações pessoais, de jogos de prazer-poder, de construção de imagens de si e dos outros. Como nos lembra Tomaz Tadeu da Silva⁷, os artefatos culturais “transmitem uma variedade de formas de conhecimento que embora não sejam reconhecidos como tais, são vitais na formação de identidades e subjetividades”.

As produções áudio visuais seja para o cinema ou séries de Televisão, por exemplo, “sob a rubrica da diversão, do entretenimento e da fuga”⁸ colocam em circulação e sob a disponibilidade de quem assiste, saberes no que diz respeito as relações de gênero, sexualidade, classe social e raça. Esse é o foco de análise deste artigo, ou seja, como uma série para televisão pode ser tomada como espaço de produção de identidades? Como as imagens convocam os espectadores a olharem para si, quase num efeito de espelho, uma vez que quem assiste é chamado a acionar os saberes que a/o constituem para entender e preencher com sentidos aquilo que vê.

Esse nosso lugar de investigação também diz das nossas filiações teóricas, vinculadas aos autores e autoras pós-estruturalistas, que nos instigam a pensar os sujeitos e o que chamamos de realidade como resultado de discursos atravessados por relações de poder⁹. É com essa perspectiva teórico-metodológica que passamos a investir em formas de ver e de conhecer as relações entre imagens, sujeitos e educação, tomando algumas produções que nos instigam a escrever e a problematizar diferentes lugares e suas pedagogias como locais em que os sujeitos

⁷ SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 140.

⁸ GIROUX, Henry. A disneyzação da cultura infantil. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 136.

⁹ LOURO, Guacira. Conhecer, pesquisar, escrever... *Revista Educação, Sociedade & Culturas*, n. 25, Universidade do Porto, 2007, p. 235-245.

se produzem e que somos produzidos. Assim aconteceu com a série *Anne with an E*¹⁰, uma produção lançada em 2017, com episódios que conduzem a problematizar as relações de gênero. Um roteiro e uma direção que tocam, de forma sutil, mas, contundente, na naturalização das relações de gênero que se construíram ao longo do tempo educando meninas e meninos. As personagens passam por enquadramentos e conflitos, que nos conduziram a refletir sobre os estereótipos e a desigualdade de gênero, (re)produzidos e questionados nas mídias, a partir da potencialidade das pedagogias culturais.

Na organização deste artigo, em um primeiro momento refletimos sobre a representação da mulher. Exploramos a série como um artefato cultural, que abre a possibilidade para novas representações de meninas e mulheres nas mídias, rompendo com normas e estereótipos de gênero. Em um segundo momento buscamos elementos que nos convidam a pensar nas relações atuais de gênero, problematizando a permanência de estereótipos e violência de gênero, associando a série a processos de subjetivação e a novas possibilidades de formação de feminilidade e masculinidades. Por fim, consideramos que essas mídias funcionam como mecanismos de representação, instituindo formas de ver e entender o mundo em que vivemos da forma mais “natural” possível. Através de um cuidadoso e inacabado processo, somos seduzidos por essas instâncias que inscrevem em nossos corpos marcas e normas a serem seguidas^{11/12}. Salientamos a importância que as produções semelhantes têm conquistado na transformação de olhar para educação como um processo amplo defendido pela proposta da pedagogia cultural.

2. Método

A elaboração do artigo se deu após termos assistido a primeira temporada da série canadense. Na qual escolhemos o terceiro episódio da primeira temporada, de modo que fazemos uma contextualização da produção de forma geral. O episódio foi

¹⁰ A série está disponível no serviço de *streaming* Netflix e na rede de televisão canadense CBC. Com episódios de aproximadamente 45 minutos, a série é uma adaptação baseada no livro *Anne de Green Gables* (1908), de Lucy Maud Montgomery.

¹¹ LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

¹² LOURO, Guacira. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições* (Unicamp). Campinas, SP, v. 19 (2), p. 17-23, 2008.

escolhido por se tratar da primeira socialização de Anne no ambiente escolar no qual, vão se ressaltar as desigualdades de gênero nas relações entre meninos e meninas. E logo, logo os posicionamentos de Anne, em reação e relação a expressão de sua subjetividade.

Percebemos, no decorrer dos episódios, diferentes e constantes investimentos, discursivos e não discursivos, que buscam estabelecer debates que subvertem e questionam lógicas conservadoras. Princípios de uma sociedade patriarcal, machista, heteronormativa, cristã e branca que intentam homogeneizar e universalizar práticas aos ideários dessa sociedade. Limitar posições de sujeito e suprimir a diversidade ao tratá-la como não natural, ou seja, algo que deve ser combatido e/ou domesticado são alguns exemplos. Os artefatos culturais são um potente meio de análise uma vez que estabelecem, de forma consciente ou não, formas de ser e estar em sociedade.

Buscamos inspiração em Elizabeth Ellsworth¹³ que trabalha o conceito modos de endereçamento ligando-o a duas perguntas: Quem eu penso que essa pessoa é? Quem eu quero que ela seja? Os filmes, e também outras mídias, são feitos para determinados públicos. Eles também desejam uma determinada audiência. A partir de uma “posição” o artefato cultural é construído com base em pressupostos, conscientes e inconscientes, sobre quem é seu público. Logo, podemos inferir que os elementos escolhidos para a trama central da série foram direcionados para o processo educativo que atravessa toda trama, representando uma oportunidade de educar sobre assuntos como, por exemplo, o bullying, a violência contra mulheres e o feminismo.

É importante destacar que esse não é um exercício tão simples. Há a probabilidade do modo de endereçamento errar o seu “alvo”, uma vez que “o espectador ou a espectadora nunca é, apenas ou totalmente, quem o filme pensa que ele ou ela é.”¹⁴. São necessárias então estratégias, negociações para que o artefato cultural consiga ter um maior alcance e não fique restrito a um público muito específico.

A potência do modo de endereçamento não se encontra na previsibilidade da obtenção de respostas. O poder do modo de endereçamento “consiste na diferença entre o que poderia ser dito – tudo o que é histórica e culturalmente possível e

¹³ ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

¹⁴ *Ibidem*, p. 20.

inteligível de se dizer – e o que é dito”¹⁵. A série assim cumpre um papel político apostando na representação de possibilidades que fogem daquilo considerado por muitos como o “normal” socialmente.

3. Resultados e Discussão

Educação e cultura são conceitos que estão intimamente ligados, de acordo com Alfredo Veiga-Neto¹⁶, de maneira que os entendimentos de o que é cultura, e o que é educação, estão no centro de embates a respeito da construção das identidades, sejam elas de gênero, raça ou classe. Podemos pensar que as identidades são disputadas, negociadas, confrontadas com as diferenças e os desdobramentos desses embates transformaram a pedagogia num campo de saber-poder e a escola numa instituição disciplinadora¹⁷ em que esses embates tomam forma, de maneira que essas duas instâncias que associam saber-poder são “arenas privilegiadas, onde ocorrem violentos choques teóricos e práticos em torno de infinitas questões culturais”¹⁸. Nesse contexto, as mídias podem ser entendidas como elemento da cultura ou artefato cultural que educa.

As imagens que são veiculadas pelas mídias constroem estilos de vida, seduzem, ordenam, convidam, organizam nosso cotidiano e as formas que olhamos e entendemos a realidade e nossas relações com o prazer, consumo, saber, sujeitos. É nesse sentido que Stuart Hall¹⁹ demonstra como atuam as pedagogias culturais, propondo a articulação entre educação e cultura para discutir a relação entre os artefatos culturais e os processos educativos dos sujeitos. Uma questão atual para colocar sob suspeita os nossos desejos, por exemplo, aquilo que nos seduz tanto no campo do consumo quanto no campo do prazer. Os artefatos culturais são produtos

¹⁵ *Ibidem*, p. 47.

¹⁶ VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro: Autores Associados, n. 23, p. 5-15, AGO. 2003.

¹⁷ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

¹⁸ VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro: Autores Associados, n. 23, p. 5-15, AGO. 2003, p. 5.

¹⁹ HALL, Stuart. A centralidade da cultura: a dimensão global. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997

da cultura, os sujeitos produzem e são produzidos por eles, sendo tudo aquilo que produz significados culturais como revistas, músicas, ilustrações, propaganda, redes sociais e variadas produções áudio visuais, incluindo as séries.

Quando nascemos já viemos num mundo organizado discursivamente, de maneira que somos mais resultado destes discursos do que propriamente produtores deles. Dizer que somos resultados de discursos significa dizer que somos resultado de processos de significação, vamos construindo significados sobre o nosso contexto e assim vamos nos constituindo na relação com esses discursos e significados. Compreendemos que esses processos formativos dos sujeitos acontecem por diversos modos, mas neste artigo, queremos dedicar atenção para os processos como as produções deste seriado que estamos propondo como análise, sobretudo em torno da personagem principal, uma menina adotada por uma família de dois irmãos. Apoiados na perspectiva pós-estruturalista que compreende que os sujeitos são construídos em processos históricos e culturais, assumimos o viés das pedagogias culturais no olhar para a série *Anne with an E*, como uma possibilidade de representação da mulher em seus possíveis processos de subjetivação, a partir dos elementos narrativos que compõem as personagens desta produção.

Há processos que educam homens e mulheres em suas formações de masculinidades e feminilidades. Na série, assim como no que chamamos de realidade, podemos dizer que os sujeitos são resultados dessa multiplicidade de formas de serem homens e mulheres em suas contradições, que revelam as construções sociais como plurais. As relações entre gênero e suas possibilidades sexuais demonstram essa multiplicidade das masculinidades e feminilidades, as diferentes e diversas representações de masculinidades e feminilidades. Mesmo se tratando de uma produção canadense e de um contexto rural do século XX, algumas aproximações nos chamam atenção, demonstrando uma certa continuidade das relações de gênero como organizador social. Multiplicidade e continuidade que nos chamam para pensar a nós mesmas/os, como sujeitos masculinos e femininos, no meio urbano ou mesmo rural. Somos convidados a preencher o espaço que vai da tela da TV para nós, de maneira que só preenchendo esse espaço como nossos sentidos, saberes, significados que a série adquire importância. Quando fazemos isso, quando preenchemos esse espaço com nossas experiências, conhecimentos e sentidos, não é mais a série que está falando, mas nós mesmos; entramos em contato com os pensamentos que nos organizam.

Elizabeth Ellsworth²⁰ nos ajuda a ampliar os sentidos da educação quando estabelece relação entre uma teoria do cinema – os modos de endereçamento – com a educação. Trabalhando com cinema no seu investimento na mudança social dos sujeitos, a autora demonstra que todo filme trabalha com duas questões: quem o filme pensa que a/o espectadora/r é? Quem ele quer que a/o espectadora/r seja? Buscando associar essa teoria do cinema com o campo da educação, ela argumenta que ao ensinar também trabalhamos com duas questões: quem eu, professor, penso que as/os minhas/meus alunas/os e são? Quem eu quero que elas/es sejam? Desta forma, também trabalhamos no investimento pela mudança social. O cinema e a educação são partes constitutivas da cultura, que pode ser entendida como esse processo de tornar os indivíduos em sujeitos e de colocar esse processo de constituição de si sob suspeita. E, portanto, questionamos: quais os processos educativos podem ser identificados pelos “modos de endereçamento” da série? O modo de endereçamento não está numa frase, na música, num personagem, enfim, em algo que pode ser identificado, mas ele está no que acontece entre o social e o individual. Procuramos neste processo explorar as possibilidades de subjetivação das produções de que investem na desnaturalização de conceitos que hierarquizam pessoas a partir de interpretações de diferenças biológicas entre homens e mulheres.

Com isso queremos situar nosso entendimento de gênero, como um conceito político importante para analisar nossos processos de constituição em diálogo com a história, com o social, com o cultural e com o educacional que nos atravessa. Para Joan Scott²¹ o conceito de gênero, gestado no interior do movimento feminista trouxe dois ganhos para os debates políticos e para as relações de saber-poder que constituem os sujeitos. Um primeiro ganho diz do rompimento com a ideia de essência dos sujeitos, demonstrando que homens e mulheres são produções discursivas sociais e históricas, de maneira que o gênero é um organizador social e resultado de construção social. É no social e cultural que as diferenças entre homens e mulheres são constituídas. O segundo ganho é aquele que ressalta o caráter relacional na construção dos gêneros, de tal forma que não podemos falar de mulheres sem relacioná-las com os homens e

²⁰ ELLSWORTH, Elizabeth. *Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também*. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

²¹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre: Editora UFRGS, vol. 20, n.2, 1995.

vice-versa. Mulheres e homens só podem ser entendidos em relação. Estabelecida essa filiação teórica aos estudos de gênero em sua vinculação com o pós-estruturalismo, queremos deixar claro que compreendemos a série como parte constitutiva das relações de gênero e de nós mesmos, uma vez que ela nos chama a dialogar com nossos entendimentos de ser homem e mulher em relação. A personagem central é uma menina entrando na fase da adolescência, que vai se educando como mulher em meio àquela sociedade, nas relações com homens e mulheres que constituem seu universo.

O seriado conta a história de Anne (Amybeth McNulty), uma menina de treze anos, esguia, ruiva, e órfã, que enfrenta as situações da adoção com coragem e criatividade. A personagem passa pelo drama de esperar pelo dia em que será adotada, enquanto vive entre o orfanato e lares provisórios, trabalhando na organização dos serviços domésticos, um tipo de serviço que cabe às meninas adolescentes nos seus mecanismos educacionais de ir aprendendo a cuidar de uma casa para uma futura realidade de dona de casa, mãe de família. No entanto, Anne vê sua vida mudar com a possibilidade de adoção por dois irmãos: Marilla e Matthew Cuthbert. Já em idade avançada e sem a mesma disposição para realizar muitos trabalhos na fazenda em que vivem, os irmãos procuravam uma criança para adotar e ajudar na propriedade, em Green Gables. No entanto, o casal de irmãos tinha como interesse a adoção de um menino, uma vez que esse menino adotado também ajudaria nos afazeres da fazenda. A escolha pelo gênero se dá pelas atividades que esse sujeito deverá efetuar. O gênero é o organizador do trabalho e, portanto, definidor da criança ou adolescente que pretendem adotar. Esse processo adquire ares de naturalização de tal forma que os irmãos desconsideram que Marilla, uma mulher, também ajuda nos afazeres da fazenda.

No decorrer da série somos apresentados a diferentes formas de ser e estar naquele contexto. Os episódios mostram diferenças de gênero, geracionais, sócio-econômicas que levam a construção do “outro”, a classificação daquele que é “diferente”. Anne representa em muitos momentos esse outro, a diferente. É rejeitada assim que chega à casa dos Cuthbert, por ser uma menina. Na escola também passa por perseguições de alguns colegas. Apesar de tudo, Anne, na maioria das vezes é uma menina que não baixa a guarda, tem uma opinião forte, ao mesmo tempo em que se mantém como uma menina “doce”.

No enredo, os gêneros são hierarquizados e bem definidos a partir das diferenças biológicas. Anne é apontada, em vários momentos da série, por falar demais, o que não é esperado da sua condição de menina. Ela tem grande disposição para os estudos e leitura, diferente das outras garotas na sala, constantemente silenciadas pelo professor que, muitas vezes, valoriza somente o trabalho dos meninos. Outra representação importante de mulher é aquela construída pela personagem de Marilla que deixa suas convicções preconceituosas em torno do que cabe a mulheres e homens como trabalho na fazenda e se encanta por Anne. Ao ser conquistada por Anne, Marilla também desenvolve um sentimento que nos incita a pensar sobre a construção das identidades entre mulheres, ou seja, como esse lugar de mãe diz de um investimento em outra menina a partir daquilo que ela toma como valor para a constituição da feminilidade.

Marilla se esforça para ser uma boa mãe, incentiva e defende a filha adotiva ao lado de seu irmão Matthew. A série trata de assuntos que convidam a refletir sobre as desigualdades de gênero, que variam de cultura para cultura e dentro de uma mesma cultura, além de ser uma construção que diz de um tempo histórico. Isso poderia fazer com que a produção fosse considerada feminista, o que talvez limitaria o seu alcance para determinado público.

No entanto, a produção busca acrescentar outros “ingredientes” para seduzir diversos tipos de interlocutores. Pessoas interessadas em elementos como romance, ações e conflitos podem se interessar e se educar pela mensagem feminista da série. Como por exemplo, o reencontro de uma antiga paixão por Matthew, que representa um homem de idade avançada. O irmão de Marilla não corresponde a alguns padrões de masculinidade recorrentes na série. Seu papel lança mão do uso da força bruta, do envolvimento em brigas e da ideia de dominação para se reafirmar como homem.

O amor também é uma característica presente em vários momentos e relações. Há o amor entre as amigas Anne e Diana e entre os membros da nova família, formada por Anne, Marilla e Matthew. Também vemos a descoberta da paixão de Anne por seu colega de escola Gilbert e a implicância entre eles num típico jogo de sedução. Anne também se arrisca em outras possibilidades para o que convencionalmente se pensa como próprio do gênero feminino, como por exemplo, se aventura em apagar o incêndio que atingia uma casa.

O que nos faz perceber esses aspectos da produção *Anne with an E*, é chamado de modos de endereçamento. O conceito de modo de endereçamento foi elaborado para

lidar com algumas “questões que atravessam os estudos de cinema, a crítica de arte e de literatura, a sociologia, a antropologia, a história e a educação”²². Questões que têm ligação entre o “social” e o “individual”, “qual é a relação entre o texto de um filme e a experiência do espectador, a estrutura de um romance e a interpretação feita pelo leitor?”²³. São questões ligadas às pessoas que têm como objetivo mudança social.

No capítulo três, da primeira temporada, de *Anne with an E*, temos a espera da decisão de Marilla sobre a adoção ou não de uma menina. Após muita angústia Anne descobre que ficará em Green Gables e que será parte da família Cuthbert. A adoção parece ser investimento no novo, nas possibilidades de rompimento com a ideia de limitação do gênero feminino como uma aposta no novo, como menciona Matthew: Toda ideia nova foi moderna um dia, até deixar de ser. A notícia se espalha pelo vilarejo e Marilla é convidada para uma reunião de mães progressistas.

Anne vai para a escola pela primeira vez e acorda cedo para se preparar. A menina está otimista com o primeiro dia na escola – Eu não tenho experiência com escolas, mas o que pode dar errado. (...) Escolas são boas, melhores do que boas. Anne nunca tinha frequentado a escola regular, estudava no regime do orfanato e não se preocupava em estar atrasada. Anne confessa que sua real preocupação é seu “cabelo ruivo medonho” a “ruína de sua existência”, como a menina avalia.

No caminho da escola Anne, ensaia como se portar para fazer novas amizades, e ensaia saudações, elogios e conversas, enquanto colhe flores para enfeitar seu chapéu. Quando chega a escola encontra Diana, que se aproxima para mostrar a Anne tudo que ela precisa saber sobre a escola. Diana pergunta sobre o chapéu com flores que ela usa – Quis causar uma boa impressão, responde Anne – e Diana garante – Com certeza está passando uma impressão. Diana comenta que está animada para que possam fazer o caminho da escola juntas, uma vez que ainda não tem permissão dos pais para ter a companhia de Anne, uma órfã.

As primeiras pessoas que Anne conhece são dois meninos que se apresentam. Anne os cumprimenta, mas é logo advertida por Diane – Nunca fale com os meninos eles são ridículos. E volta-se as meninas para apresentar Anne, que causa estranhamento ao saudar as meninas – É um prazer imensurável conhecer vocês e farei o máximo

²² ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Nunca fomos humanos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p.14

²³ *Ibidem*, p. 14.

possível para provar que sou digna de sua amizade. Diane a justifica - A Anne adora ler, ela sempre usa palavras difíceis.

Anne se engana quanto ao seu otimismo à escola, mas conta com o apoio de Diana, que sem se afastar das outras meninas a defende. A alegria da menina dura até perceber que ela não se enquadra no grupo por não reproduzir o modelo de feminilidade da época na qual as meninas são rigorosamente disciplinadas pela sociedade patriarcal, do século XIX.

As relações de gênero se baseiam em concepções construídas culturalmente, nas quais significados foram atribuídos às ações do que é ser feminino e masculino. As interpretações das diferenças entre homens e mulheres foram, ao longo da história, se configurando em relações de poder entre desiguais.

De acordo com Joan Scott, “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo gênero o um primeiro modo de dar significado às relações de poder”²⁴. Os elementos constitutivos dessa proposição são quatro: os símbolos desenvolvidos culturalmente, os conceitos normativos de doutrinas religiosas, políticas e educativas, e as instituições políticas, sociais e econômicas. Dessa forma, o discurso que se expressa tipicamente nesses elementos afirmam o sentido de ser homem ou mulher, como sentidos opostos e binários. “A ideia de masculinidade repousa sobre a repressão necessária de aspectos femininos – do potencial bissexual do sujeito – e introduz o conflito na oposição do masculino e do feminino”²⁵.

O poder na perspectiva de Michel Foucault ²⁶ é descentralizado, mas, não desconsiderado da política e da economia, e passa a ser percebido em extensão nas relações humanas: “há todo um conjunto de relações de poder que podem ser exercidas entre indivíduos, no seio de uma família, em uma relação pedagógica, no corpo político”²⁷.

²⁴ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revista Educação & Realidade. Porto Alegre: Editora UFRGS, vol. 20, n.2, 1995, p.14

²⁵ *Ibidem*, p. 12

²⁶ FOUCAULT, Michel. "A ética do cuidado de si como prática da liberdade". In: Ditos & Escritos V - Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

²⁷ *Ibidem*, p.267.

Assim, as feminilidades e masculinidades são os modos como os sujeitos se relacionam com o que é atribuído socialmente com o que é considerado feminino e masculino; “possuem uma multiplicidade de formas de ser homem ou mulher em nossa sociedade, multiplicidade esta em que afloram inúmeras tensões, conflitos e cenários”²⁸. Porém, as narrativas convencionais das “políticas de masculinidades” ensinam condutas e sentimentos que os afastam do comportamento das mulheres lido como inferior²⁹.

Depois que Anne se expõe, ela é ameaçada pelo irmão da colega, assediada pelo professor que a ofende com xingamentos misóginos, e encontra Gilbert, com quem é proibida de falar pelas meninas da escola. Gilbert é um garoto popular, o ideal no imaginário das meninas da sala para um marido. É ainda perseguida e ridicularizada pelo professor.

É importante destacar que esse tipo de produção desmistifica a ideia que vem sendo construída a respeito do impacto das abordagens sobre as questões de gênero no desenvolvimento de crianças e adolescentes. Grupos conservadores e fundamentalistas religiosos têm tentado atacar produções artísticas, aulas em escolas ou universidades e pesquisas acadêmicas em nome da “demonização” da palavra gênero.

Esses grupos construíram o contraditório conceito “ideologia de gênero” que distorce teorias e se pauta em visões essencialistas, diferenças biológicas e nos princípios religiosos “cristãos”. Associam o debate sobre gênero a destruição da autonomia familiar na educação da criança, ou na transformação em série de crianças heterossexuais em homossexuais. Roney Polato de Castro³⁰ discorre sobre as potencialidades das pedagogias culturais religiosas e alerta “a ideia de moral vem

²⁸ SANTOS, Vilma Canazart dos. Índícios de sentidos e significados de feminilidade e de masculinidade em aulas de Educação Física. *Motriz: Revista de Educação Física*, v. 16, p. 841-852, 2010, p. 843.

²⁹ CONNELL, Raywen. Políticas da masculinidade. *Educação & Realidade*, n.20, v.2, p.185-206, 1995.

³⁰ CASTRO, Roney Polato. Pedagogias Religiosas no combate à ideologia de Gênero: efeitos de Saber poder e verdade. - In:38º REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, Anais.: ANPED, 2017.São Luíz do Maranhão, GT4. Trabalho, p. 7.

sendo constantemente acionada por indivíduos e grupos conservadores para destacar um conjunto de regras e valores que deve ser protegido”³¹.

Ruth Sabath³² destaca o papel da mídia como espaço de produção de saberes e conhecimentos. As representações de gênero e sexualidade na publicidade também nos educam, “produzem valores e saberes; regulam condutas e modos de ser; fabricam identidades e representações; constituem certas relações de poder”³³. Assim, a escolha de falar de tais questões nos faz pensar da força política e social que as produções podem trazer para que, a partir dessas reflexões possamos pensar em estratégias baseadas na micropolítica para promoção dos direitos humanos fundamentais. Não só para mulheres, mas para todas as categorias que sofrem com os atravessamentos de uma sociedade patriarcal, machista, heteronormativa, cristã e branca.

4. Considerações Finais

Ao final dessas reflexões percebemos a importância dos estudos culturais para se problematizar as naturalizações que impõem normas e padrões, produzindo distinções e desigualdades. Atualmente contamos com uma gama de opções de entretenimento em diferentes plataformas como, por exemplo, o YouTube e a Netflix. Podemos contar na contemporaneidade com o compartilhamento dos afetos de produções como *Anne with E*, nas redes sociais, o que aumenta a potência do que possível apreender com a série em um circular de impressões e sentimentos, no decorrer do texto refletimos como se expressa a representação do gênero e da sexualidade na cultura, bem como a função pedagógica de produções audiovisuais de modo que cabe expor a circulação da série nas redes sociais a título de exemplo e dimensão de impacto.

Tanto no serviço de streaming quanto em sites de vídeos é possível perceber uma vasta produção de diferentes gêneros, trazendo variadas representações, endereçadas a diversos tipos de constituições de sujeito. No Instagram e no

³¹ *Ibidem*.

³² SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, SC, v. 09, n. 01, p. 09-21, 2001.

³³ *Ibidem*, p. 9.

Facebook, a série conquistou fãs que se dedicam a divulgar conteúdos relacionados a série como trechos, fotos, curiosidades sobre o elenco, memes e ilustrações autorais dos fãs. No Facebook existem grupos de discussão com até 18.000 mil membros. A página no Facebook “Anne with an E - Fandon³⁴” seguida por cerca de 76.000 pessoas, compartilhou uma publicação de título “Assédio - Anne with E” que traz falas do elenco e da produção sobre o tema e como a abordagem é feita ao longo da série para que a “conversa chegue aos lares” as falas destacam responsabilidade, uma preocupação em não ser sensacionalista e o fato de ser um fenômeno que atinge as mulheres de forma naturalizada ao redor do mundo.

Buscando inspiração em Rosa Fischer³⁵ ressaltamos que talvez nesse momento seja ainda mais propício perceber que há “(...) múltiplas e complexas questões relacionadas às formas pelas quais produzimos sentidos e sujeitos na cultura”³⁶.

Acreditamos, portanto, que essas ações contribuem para a ocupação de mulheres envolvidas na produção e protagonismo de produções culturais como *Anne with E*, que aposta na representação da mulher que fuja da objetificação tão naturalizada que está presente em outros artefatos. Quanto ao que é possível assistir à série, acreditamos que os modos de endereçamento podem incitar uma reflexão sobre as possibilidades de ser meninas e meninos, homens e mulheres, em relação a família, escola e outros meios sociais. Anne é uma personagem, que expressa, resguardada as proporções culturais de tempo e espaço, a realidade de muitas meninas que não se veem confortáveis em relação às normativas de gênero em diferentes contextos onde são subjugadas suas capacidades intelectuais, físicas e expectativa de vida. Ao desenvolver uma trama em que possível subverter essas relações a produção pode inspirar estratégias que passam por questionar os lugares onde se privilegia ação e existência de pessoas do sexo masculino, cis-heterossexual, branco.

A série *Anne with E*, foi cancelada na terceira temporada em 2021, ao longo dessa trajetória que foca principalmente nas mulheres, abordou também relações étnico raciais e homofobia. O personagem Cole, sofre uma agressiva rejeição na escola, e a

³⁴ Disponível em ASSÉDIO SEXUAL ***AVISO DE... - Anne with an "E" Fandom | Facebook acesso em: 6 de julho de 2022.

³⁵ FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

³⁶ *Ibidem*, p. 153.

trama acompanha o processo do personagem em se entender homossexual. O personagem Sebastian, Bash, movimentava o debate sobre racismo ao chegar na comunidade como amigo de Gilbert. Recebido com estranhamento por negro sofre inúmeras agressões. Nesse sentido conta-se ainda a personagem Ka'Kwet, uma menina indígena do povo Mi'Kwet, que sofre com os processos da colonização, cinquenta anos depois do período escravocrata. No Canadá, os povos originários também sofreram as violências da barbárie que era chamada “civilização” e aspecto que é retrato nesse sentido é impacto violento da catequização. Desvelando, assim conceitos enraizados da sociedade Canadense do século XVIII que vai atravessar a contemporaneidade e refletir em cotidianos fora do eixo retratado.

Imagem 1 - Cena da Série “Anne with E”



Fonte: reprodução disponível em: 12 vezes que Anne esteve a frente de seu tempo!
(aheporfalar nisso.com) Acesso em 7 de junho de 2022.

Descrição de imagem: A imagem é dividida em três partes e reproduz um diálogo. No primeiro aparece Anne, que usa uma touca preta e duas tranças laterais em seu cabelo ruivo. Ela aparece com a boca aberta, em expressão de grito a fala legendada é “Tire suas mãos de mim!” a câmera é focada no rosto de Anne, com fundo desfocado em tons terrosos. Abaixo a câmera é aberta, e Anne aparece ao lado da amiga, branca com touca cabelos pretos e lisos e um cachecol azul. Ela sorri e a legenda de sua fala é: Não se deve ligar, Anne. São meninos sendo meninos. Adoram atormentar nossas vidas. No último quadro, a cena é composta por cinco meninas, três delas a esquerda da foto, são brancas, a primeira com cabelo preto e touca creme, veste um casaco cinza com mangas e gola branca e segura livros, a segunda usa touca preta e agasalho preto e olha em direção a terceira menina que posicionada de costas para Anne, é loira usa touca e vestimentas vermelhas e segura uma sexta. No canto direito esta Anne e a amiga e agora se percebe que ela veste um casaco verde quadriculado e uma saia branca e a menina com quem conversa um agasalho preto segura uma cesta. A fala legendada é a resposta de Anne: “Me importo sim, me importo muito. Uma saia não é um convite.”

Anne with an E, portanto, vai ser um exemplo, e reivindicação por “modos de endereçamento” que visam justamente essa demanda, uma vez que se constata o

investimento histórico em produções que correspondia a representação de mulheres estereotipada, junto a uma invisibilizada expressão de pessoas negras e LGBTTI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexuais entre outras possibilidades de expressão de identidade de gênero e orientação sexual) que quando representados/as/es estavam em vias de concepções que reforçam a LGBTTI+fobia e o racismo.

Referências Bibliográficas

CASTRO, Roney Polato. Pedagogias Religiosas no combate à ideologia de Gênero: efeitos de Saber- poder e verdade. - In:38º REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, **Anais.:** ANPED, 2017.São Luíz do Maranhão, GT4. Trabalho.

CONNELL, Raywen. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, n.20, v.2, p.185-206, 1995.

CRUZ, Sabrina Uzêda da. A Representação da Mulher na Mídia: Um olhar Feminista sobre a propaganda de cerveja. disponível em <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/2997/2346>> acesso em novembro de 2021.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. da (Org.). **Nunca fomos humanos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n.1, p. 151-162, jan./jun. 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Tradução e Organização Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

GIROUX, Henry. A disneyzação da cultura infantil. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: a dimensão global. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever... **Revista Educação, Sociedade & Culturas**, n. 25, Universidade do Porto, 2007, p. 235-245.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições (Unicamp)**. Campinas, SP, v. 19 (2), p. 17-23, 2008.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, SC, v. 09, n. 01, p. 09-21, 2001.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre: Editora UFRGS, vol. 20, n.2, 1995.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: Autores Associados, n. 23, p. 5-15, AGO. 2003.